

## **MULHERES IDOSAS E PRÁTICAS RADIOFÔNICAS: um estudo de recepção no município de Tucunduva/RS<sup>1</sup> ELDERLY WOMEN AND RADIO PRACTICES: a reception study in Tucunduva, Rio Grande do Sul, Brazil**

Júlia Klein Dalben <sup>2</sup>

**Resumo:** *Este artigo tem como objetivo conhecer as práticas radiofônicas de mulheres idosas que residem em áreas rurais e urbanas do município de Tucunduva, localizado na região Fronteira-Noroeste do Rio Grande do Sul. Para embasamento teórico apropria-se de Vargas (1995) com a proposta de biografias radiofônicas e de Grisa (2005), onde as reflexões serão mobilizadas para complementar os achados empíricos da pesquisa. Já em relação aos procedimentos metodológicos, esta é uma investigação de cunho qualitativo que articula duas técnicas de pesquisa, narrativas de vida e entrevista semidirigida. Ao todo foram entrevistadas dez mulheres, cinco rurais e cinco urbanas.*

**Palavras-Chave:** *Mulheres idosas. Práticas radiofônicas. Rural e urbano.*

**Abstract:** *This article aims to understand the radio listening practices of elderly women residing in rural and urban areas of Tucunduva, located in the Northwest Border region of Rio Grande do Sul. The theoretical framework draws upon Vargas (1995) with his proposal of radio biographies and Grisa (2005), whose reflections will be employed to complement the empirical findings of the research. Regarding methodological procedures, this is a qualitative investigation that combines two research techniques: life narratives and semi-structured interviews. A total of ten women were interviewed, five from rural areas and five from urban areas.*

**Keywords:** *Elderly women. Radio practices. Rural and urban.*

### **1. Introdução**

Este artigo tem como objetivo conhecer as práticas radiofônicas ao longo da vida de mulheres rurais e urbanas com idade igual ou superior a 60 anos<sup>3</sup> residentes no município de Tucunduva, localizado na região Fronteira-Noroeste<sup>4</sup> do estado do Rio Grande do Sul. O

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Recepção, Circulação e Usos Sociais das Mídias. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

<sup>2</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, bacharela em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, juliadalben2000@gmail.com.

<sup>3</sup> O Art 1º do Estatuto da Pessoa Idosa define pessoa idosa com idade igual ou superior a 60 anos. Fonte: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm).

<sup>4</sup> Segundo a Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, a Região Fronteira-Noroeste faz parte de um conglomerado de 28 regiões denominadas Conselhos Regionais de Desenvolvimento (COREDEs) criadas com o intuito de promover políticas e ações que visam o desenvolvimento regional. São 20 municípios que a compõem: Alecrim, Alegria, Boa Vista do Buricá, Campina das Missões, Cândido Godói, Dr. Maurício Cardoso, Horizontina, Independência, Nova Candelária, Novo

universo da pesquisa bem como os dados empíricos presentes neste texto fundamentam também a dissertação de mestrado da autora. A escolha do locus se deu a partir de dois aspectos principais: o município selecionado apresenta baixo número populacional, segundo o último censo realizado pelo IBGE em 2022 a população é de 5.542 pessoas. Somado a isso, a sua localização geográfica dentro do estado, longe de grandes centros e metrópoles.

Quanto à escolha de trabalhar com mulheres idosas, atende a uma estratégia metodológica para recorte do campo, onde não há intenção de discutir teoricamente questões de gênero. Apesar disso, tem-se plena consciência da importância desse aspecto e em como ele implica diretamente no processo da pesquisa como um todo. Ademais, mesmo utilizando um recorte sociodemográfico, entende-se que o universo empírico ser constituído por mulheres idosas é uma forma de dar visibilidade às experiências desse grupo muitas vezes esquecido.

O embasamento teórico estrutura-se a partir da proposta desenvolvida por Vargas (1994) de pensar os processos históricos de recepção. Segundo o autor, as biografias radiofônicas partem da ideia de que as pessoas “ao mesmo tempo em que vão desenvolvendo o processo pessoal biográfico, desenvolvem uma biografia radiofônica” (Vargas, 1995, p. 153, tradução nossa). Para ele, a rádio se insere na vida cotidiana desenvolvendo um vínculo que atualiza a relação com esse meio dia após dia no decorrer dos anos. “Esta atualização implica uma dinâmica, um movimento dirigido para manter este vínculo: com sua forma de vida, sua concepção de mundo, seus sentimentos individuais e grupais, etc” (Vargas, 1995, p. 167). Dessa forma, ele entende que o rádio faz parte da vida, da cultura e da memória tanto individual como também grupal das pessoas. Ainda, utiliza-se Grisa (2005) para complementar teoricamente por meio dos sentidos da escuta os achados empíricos da pesquisa.

Em relação aos procedimentos metodológicos, a investigação está fundamentada no método qualitativo, onde articula-se duas técnicas. A primeira delas é a narrativa de vida, caracterizada por Bertaux (2010) como o momento na qual uma pessoa conta/relata a outra “um episódio qualquer da sua experiência vivida” (Bertaux, 2010, p. 47). Os relatos são construídos através de um filtro que permite extrair das entrevistadas uma parte de suas experiências vividas de forma simplificada. Em comitante, utiliza-se também a entrevista

---

Machado, Porto Lucena, Porto Mauá, Porto Vera Cruz, Santa Rosa, Santo Cristo, São José do Inhacorá, Senador Salgado Filho, Três de Maio, Tucunduva e Tuparendi.

semidirigida a partir do entendimento de Orozco e González (2011). Ela possibilita o uso de um roteiro base permitindo modificações e adições de perguntas caso haja necessidade.

O roteiro de entrevista é dividido em três eixos temáticos: infância/adolescência, vida adulta e velhice. Cada eixo é composto por uma pergunta aberta acionadora referente às narrativas de vida onde a entrevistada relata sobre as suas experiências vividas e as subsequentes são de caráter mais fechado referente à entrevista semidirigida onde o intuito é extrair informações sobre a escuta de rádio. Ao todo foram entrevistadas dez mulheres, divididas em dois grupos: mulheres rurais (Dona Rosa com 70 anos, Dona Leci com 74 anos, Dona Salete com 67 anos, Dona Joana com 62 anos e Dona Regina com 64 anos) e mulheres urbanas (Dona Olga com 73 anos, Dona Antônia com 93 anos, Dona Lúcia com 70 anos, Dona Tarsila com 94 e Dona Adelina com 83)<sup>5</sup>.

## **2. As práticas radiofônicas das mulheres idosas**

Este capítulo expõe os dados coletados no decorrer das entrevistas. Por tratar-se de uma pesquisa na qual as mulheres idosas relatam as suas experiências vividas em diferentes fases, muitas informações não estão diretamente relacionadas ao rádio, porém são fundamentais para esta investigação. Dessa forma, é necessário ressaltar alguns aspectos estruturais para melhor entendimento e leitura. Os relatos que têm relação direta com o meio de comunicação estudado estão expostos no corpo do texto, já dados que tratam de aspectos relacionados à vida e ao cotidiano, estão expostos em notas de rodapé.

A escuta de rádio das mulheres rurais e urbanas na infância/adolescência apresentam características similares, isso porque todas elas viveram na área rural nessa fase da vida. A família delas era grande, dividiam a casa com os pais, diversos irmãos (como exemplo, Dona Rosa que tinha onze irmãos e Dona Olga que tinha cinco irmãos) e em alguns casos até mesmo com avós e tios (como exemplo, Dona Lúcia que morava com os avós e Dona Salete que morava com os avós e um tio). A rotina era densa, quando não estavam na escola, trabalhavam na lavoura e ajudavam nos afazeres domésticos<sup>6</sup>. A maioria delas relata sobre a

<sup>5</sup> Os nomes utilizados nesta pesquisa são fictícios a fim de preservar o anonimato das mulheres entrevistadas.

<sup>6</sup> Dona Olga afirma: “às vezes a gente tinha que ficar em casa da aula pra ajudar na roça e ajudava em tudo, a gente fazia tudo...Plantar soja, plantar amendoim...era tudo à mão, era tudo que a gente fazia” e também Dona Regina, “o serviço era tirar leite, porque a gente tinha sempre bastante vaca de leite pra fazer queijo. A vida toda minha mãe viveu, sustentou a família fazendo queijo e na época o pai tinha porco também, tinha porco pra vender”.

simplicidade que a família vivia na época<sup>7</sup>, porém, apesar disso, sentem que a vida era boa tendo o necessário para viver<sup>8</sup>. Algo marcante e significativo nessa fase da vida foi a ausência de energia elétrica. As mulheres explicam em detalhes como esse fato repercutiu significativamente em suas rotinas e na forma como viviam<sup>9</sup>.

TABELA 1  
Principais características da escuta de rádio das mulheres rurais e urbanas na infância/adolescência

| <b>Mulheres Rurais</b>  | <b>Dona Rosa</b>                              | <b>Dona Leci</b>               | <b>Dona Salete</b>                            | <b>Dona Joana</b>                             | <b>Dona Regina</b>                            |
|-------------------------|-----------------------------------------------|--------------------------------|-----------------------------------------------|-----------------------------------------------|-----------------------------------------------|
| <b>Para que</b>         | Entretenimento e informação                   | Entretenimento e informação    | Entretenimento e informação                   | Entretenimento e informação                   | Informação                                    |
| <b>Frequência</b>       | Momentos específicos do dia com curta duração | Diariamente no decorrer do dia | Momentos específicos do dia com curta duração | Momentos específicos do dia com curta duração | Momentos específicos do dia com curta duração |
| <b>Com quem</b>         | Pai, mãe e irmãos                             | Pai e mãe                      | Pai, mãe e irmão                              | Pai, mãe e irmãos                             | Mãe e tio                                     |
| <b>Local</b>            | Ambiente doméstico                            | Ambiente doméstico             | Ambiente doméstico                            | Ambiente doméstico                            | Ambiente doméstico                            |
| <b>Mulheres Urbanas</b> | <b>Dona Olga</b>                              | <b>Dona Antônia</b>            | <b>Dona Lúcia</b>                             | <b>Dona Tarsila</b>                           | <b>Dona Adelina</b>                           |
| <b>Para que</b>         | Entretenimento e informação                   | Informação                     | Entretenimento e informação                   | Informação                                    | Entretenimento e informação                   |
| <b>Frequência</b>       | Momentos específicos do dia com curta duração | Raramente                      | Momentos específicos do dia com curta duração | Raramente                                     | Momentos específicos do dia com curta duração |
| <b>Com quem</b>         | Mãe e irmãos                                  | Pai, mãe e irmãos              | Pai, mãe e avó                                | Pai                                           | Pai, mãe e irmãos                             |
| <b>Local</b>            | Ambiente doméstico                            | Ambiente doméstico             | Ambiente doméstico                            | Ambiente doméstico                            | Ambiente doméstico                            |

FONTE – A AUTORA.

<sup>7</sup> Nas palavras de Dona Antônia, “nossa infância foi pobre, não é que nem agora, essas crianças que nascem já querem as coisas. Esse ano não tinha nada, a gente morava nessas colônias”.

<sup>8</sup> Nas palavras de Dona Regina: “ninguém via que aquilo como uma casa feia, era a melhor casa. Lá a gente viveu tudo esses anos, até 16/17 anos a gente morou lá” e nas palavras de Dona Rosa “a gente tinha uma casa, não era uma casa de luxo, uma casa boa pra viver, não faltava. O necessário a gente tinha”.

<sup>9</sup> Na casa de Dona Salete a luz chegou quando ela tinha mais ou menos 15 anos, “pensa, fazer crochê com luz de vela ou lamparina. Que a luz de vela ou a lamparina não fazia muita diferença na luz”. Já Dona Leci conta como era feita a conservação dos alimentos: “a mãe fazia sobremesa e botava dentro de uma bacia com água pra esfriar porque não tinha luz, né?! A carne era assim, o pai sempre tinha uma vaca e porco e galinha. Daí quando eles carneavam um porco eles cozinhavam, fritavam a carne no panelão e botavam dentro das latas”.

Todas elas tiveram contato com o rádio durante esse período, algumas mais cedo e outras com idade mais avançada<sup>10</sup>. O principal uso era para entretenimento e acesso à informação, ouviam programas musicais, de notícias, radionovelas e de futebol. Como afirma Dona Rosa, “a gente ouvia música, ouvia futebol, ouvia radionovela que na época as novelas eram radionovelas. E ouvia notícias, tudo o que dava assim pra gente ouvir”. Dona Olga também comenta sobre isso dizendo que os programas eram bem diferentes, não tinha tantas propagandas, era somente música, notícias e pessoas falando. Já Dona Lúcia comenta que, por conta do consumo de radionovelas, o rádio teve papel fundamental no seu desenvolvimento intelectual. As radionovelas afluíam a sua imaginação aprimorando suas habilidades em redação e na língua portuguesa, “o povo desenvolvia muito. Eu sou muito boa em redação, pra mim é a coisa mais fácil. Eu ia bem em português [...]. Então esse lado ali eu dou muito pra essas histórias de rádio”. Grisa (2005) disserta sobre isso no sentido pedagógico, que é o “sentido de aprender com o rádio” (Grisa, 2005, p. 259) e no sentido lúdico, “que acaba posicionando a rádio como instrumento promotor de alegria, do lazer e da diversão” (Grisa, 2005, p. 239).

Em dado momento, Dona Lúcia e Dona Salete citaram especificamente a radionovela *Direito de Nascer*, onde ambas a descrevem como uma novela triste. Nas palavras de Dona Salete, “eu me lembro que daí a mãe e a nona que estavam junto, elas gostavam dela. Eu já não gostava porque era uma novela meio triste. Eu não gostava, daí eu nem ficava por perto delas pra escutar”. Já Dona Lúcia relata “que era bem complicado e tem uma música, tema de Lara, que até hoje quando eu escuto aquela música eu me lembro de uma novela, a gente imaginava uma cena assim muito, muito, muito sentimental. Era uma coisa assim muito triste que pensava que triste pra aquelas pessoas”. Para Grisa (2005, p. 250) “é a conformação do sentido de segurança ontológica, com a rádio proporcionando permanentemente uma certeza ao ouvinte de ter uma identidade humana”.

A escuta era sempre coletiva, o rádio era o meio de comunicação que reunia a família em momentos específicos do dia. A família de Dona Olga, por exemplo, se reunia depois do almoço, único momento em que se encontravam dentro de casa para escutar. Já na família de Dona Adelina, se reuniam ao redor do aparelho que ficava na sala de estar para ouvir o

---

<sup>10</sup>É o caso de duas mulheres, Dona Antônia de 93 anos e Dona Tarsila de 94 anos. Elas relatam que tiveram contato com esse meio de comunicação quando tinham mais ou menos 16/17 anos, porém não detalham especificidades da escuta, apenas que ouviam as notícias e raramente escutavam.

sertanejo de antigamente. A figura do pai é a que mais se destaca, na maioria das vezes é ele que assumia papel central na escolha dos programas e o momento em o aparelho seria ligado ou desligado<sup>11</sup>. Por exemplo, Dona Rosa cita que os programas que ela e os irmãos ouviam eram os que o pai gostava de ouvir, “a gente escutava de manhã [...] e depois de tarde, mais um pouco, e de noite notícias esportes. Essas coisas que o pai gostava de escutar, né?”. Dona Leci já menciona o rádio da casa como um bem pertencente à figura paterna, “o pai tinha um radinho à pilha porque não tinha luz [...] e aquele rádio era a relíquia dele”. Dona Lúcia comenta que as crianças não tinham permissão para manusear o aparelho, somente o pai e a mãe, “o pai e a mãe que ligava, não as crianças. Não tinha nada que mexer”. Dona Olga também segue o mesmo raciocínio comentando que nem sempre ela e os irmãos podiam mexer, “era a mãe que manjava isso, ele era bem alto”.

Ademais, algumas mulheres relatam que utilizavam o rádio durante os seus afazeres domésticos. A escuta nesses momentos normalmente era realizada conjuntamente com outras mulheres da família, principalmente a mãe. Assim relata Dona Leci “a gente ligava o rádio e o rádio ficava ligado e a gente fazia o servicinho, né?! Porque a mãe ensinou nós fazer o serviço, limpar a casa, varrer o pátio. Naquela época a gente tinha que varrer o pátio e juntar as folhas” e também Dona Lúcia, “o serviço da nona era fazer a polenta. E daí aqueles programas caipira, aquelas músicas e daí a nona dançava, dançava. A nona fazia polenta e dançava [...]. Se iam no porão tu escutava o chinelo da nona, raspando no assoalho e que nós tava dançando”.

O rádio era a bateria e somado a ausência de energia elétrica, restringia o uso prolongado desse meio de comunicação. Assim afirma Dona Rosa, “não era toda hora ligado porque era a bateria, né? Gastava bateria” e também Dona Lúcia, “qualquer hora ir lá ligar o rádio, não... gastava a bateria”. Ainda, os seus aspectos físicos limitavam o uso apenas ao ambiente doméstico. Dona Joana explica o local onde ele ficava na sua casa, “tinha um guarda-louça na cozinha e a gente tinha lá uma salinha e não tinha sofá, não tinha nada, então era bem num canto eu botava uma tábua cortada e ia ali em cima o rádio”. A rotina densa e modos de vida também são fatores condicionantes para menor tempo de consumo. Dona Olga reforça que ela e os irmãos não ficavam dentro de casa pra escutar, “mas a gente nem ficava dentro de casa pra escutar isso”. Já Dona Regina comenta que não tinham tempo para ficar ouvindo rádio, “a gente não tinha tempo de ficar ali porque criança nós não parava, ia pro

<sup>11</sup>Quando a figura paterna não se faz presente, esse papel passa a ser desempenhado pela mãe.

meio dos poteiros de correr e quando tinha os de domingo a gente se reunia com esses amiguinho que aqui tinha uma turma de piazedo".

Tais questões organizam a escuta conjunta de rádio em momentos bem específicos do dia, que é limitada temporalmente e espacialmente situada, tornando o uso do rádio um momento especial que fugia da normalidade. Grisa (2005) denomina isso como sentido de ritualização, “uma separação em relação ao tempo ordinário. Rompia com a normalidade, instaurando o rito” (Grisa, 2005, p. 252).

Assim como na infância/adolescência, a escuta de rádio de ambos os grupos de mulheres nessa fase da vida é similar. Três das cinco mulheres urbanas entrevistadas (Dona Olga, Dona Antônia e Dona Adelina) ainda viviam na área rural do município. Dessa forma, a principal diferença se encontra na escuta de rádio das duas mulheres que residiam na cidade (Dona Lúcia e Dona Tarsila), principalmente no que diz respeito a rotina que levavam, pois ambas tinham um trabalho laboral. Todas elas relatam que as condições financeiras melhoraram significativamente depois que casaram e constituíram suas próprias famílias (com exceção de Dona Tarsila que não casou e nem teve filhos). Algo a se evidenciar também é o número de filhos, diferentemente dos seus pais, a maioria delas teve entre dois a três filhos (com exceção de Dona Adelina que teve cinco filhos).

TABELA 2  
Principais características da escuta de rádio das mulheres rurais na vida adulta

| Mulheres rurais   | Dona Rosa                   | Dona Leci                   | Dona Salete                           | Dona Joana                            | Dona Regina                                   |
|-------------------|-----------------------------|-----------------------------|---------------------------------------|---------------------------------------|-----------------------------------------------|
| <b>Para que</b>   | Entretenimento e informação | Entretenimento e informação | Entretenimento e informação           | Entretenimento e informação           | Informação                                    |
| <b>Frequência</b> | Diariamente ao longo do dia | Diariamente ao longo do dia | Diariamente em alguns momentos do dia | Diariamente em alguns momentos do dia | Momentos específicos do dia com curta duração |
| <b>Com quem</b>   | Marido e sozinha            | Sozinha                     | Marido e sozinha                      | Marido                                | Marido                                        |
| <b>Local</b>      | Ambiente doméstico          | Ambiente doméstico          | Ambiente doméstico e de trabalho      | Ambiente doméstico                    | Ambiente doméstico e de trabalho              |

FONTE – A AUTORA.

Em relação às mulheres rurais, a escuta de rádio é para se informar, principalmente sobre o que acontecia no local onde moravam, e em menor intensidade para entretenimento.

Dona Rosa afirma, “é o meio de comunicação pra ficar sabendo das coisas, né?!”. Dona Salete também utilizava com esse intuito, “era de sindicato, programa das cooperativas, da paróquia. [...] os mais informativos assim, pra saber as notícias mesmo assim, o que tava acontecendo”. Tal aspecto informativo é confirmado também através da comparação feita por Dona Joana: “era a rádio e televisão. Só que depois que entrou a televisão a gente optou mais pela televisão. Rádio ficou meio...”. Porém, em seguida afirma que na escuta de rádio não podia faltar os noticiários, pois através da televisão ela não fica sabendo do que acontece no município em que mora, “o rádio traz o que é da nossa região, do nosso lugar. Senão tu fica fora de saber o que tá acontecendo ao teu redor. E o rádio ele traz o que é mais do nosso do nosso dia a dia, né”. É o sentido de comunhão trazido por Grisa (2005, p. 262), “é o rádio promovendo a interrelação de espaços, a partir do local, trazendo, a reboque, a integração social. É a ideia de que estar informado é comungar, participar de uma unidade comum” e como meio de reconhecimento para as mulheres, nas palavras do autor, “à capacidade tanto de reconhecerem a programação da rádio como se reconhecerem nela” (Grisa, 2005, p. 248).

As mudanças do aparelho são percebidas por elas, principalmente por conta da possibilidade de o utilizarem fora do ambiente doméstico. O rádio adquiriu a característica de mobilidade, adentrando em outros ambientes, inclusive o do trabalho rural. Dona Regina relata: “podia levar onde que queria, embaixo da sombra se a gente tava e assim era [...]. Sempre o rádio tava junto porque às vezes até na roça a gente levava o rádio”. Dona Leci ressalta também essa característica móvel: “na nossa casa o rádio ficava, porque daí já tinha luz, onde tinha tomada a gente botava o rádio. Era na cozinha, era na área”. Dessa forma, a diferença significativa em relação à fase anterior é que o rádio não era mais o meio de comunicação que reunia a família em momentos específicos do dia, mas passou a se inserir na rotina das entrevistadas. Assim afirma Dona Rosa, “E de manhã a gente sempre tem o costume de levantar, tomar chimarrão e ligar rádio até hoje. E daí escuta rádio até que enjoar”. Ou no caso de Dona Leci que gostava de escutar rádio ao mesmo tempo em que realizava os seus afazeres domésticos, “eu fazia minhas lida, lavava roupa, fazia pão”. Grisa (2005, p. 255) trata isso como sentido de parceria, onde a escuta de rádio “integra-se ao tempo cotidiano e sofre uma individualização. Não só se torna rotina, como se insere nela”.

Em relação a sociabilidade do meio, a escuta se dava sozinha e conjuntamente com o marido em alguns momentos. Como já observado, um dos trabalhos desempenhados pelas mulheres era serem gestoras do lar, onde cuidavam da casa e dos filhos. Nesses momentos a

escuta de rádio era individual, principalmente enquanto realizavam o serviço doméstico, como cita Dona Rosa, “fazia o serviço da casa. Serviço doméstico. Limpar, cozinhar”. Já a escuta conjunta é em momentos em que elas estão no trabalho rural, como é o caso de Dona Regina, que escutava rádio com o marido enquanto estavam na estrebaria lidando com as vacas leiteiras. No caso específico de Dona Salete, ouvia rádio somente quando o marido escutava, “ele que escutava mais tarde quando ele tava dentro de casa, daí ele escutava mais, eu já não era muito dele”.

TABELA 3  
Principais características da escuta de rádio das mulheres urbanas na vida adulta

| Mulheres urbanas  | Dona Olga                             | Dona Antônio                | Dona Lúcia                  | Dona Tarsila                     | Dona Adelina                |
|-------------------|---------------------------------------|-----------------------------|-----------------------------|----------------------------------|-----------------------------|
| <b>Para que</b>   | Entretenimento e informação           | Entretenimento e Informação | Entretenimento e informação | Informação                       | Entretenimento e informação |
| <b>Frequência</b> | Diariamente em alguns momentos do dia | Raramente                   | Diariamente ao longo do dia | Raramente                        | Diariamente ao longo do dia |
| <b>Com quem</b>   | Marido                                | Sem informação              | Marido e sozinha            | Sozinha e colegas de trabalho    | Individual                  |
| <b>Local</b>      | Ambiente doméstico e de trabalho      | Ambiente doméstico          | Ambiente doméstico          | Ambiente doméstico e de trabalho | Ambiente doméstico          |

FONTE – A AUTORA.

No grupo de mulheres urbanas, dois aspectos se destacam, o primeiro deles é a idade. Dona Antônio de 93 anos e Dona Tarsila de 94 anos parecem não ter tantas experiências vividas com esse meio de comunicação, ambas deram relatos breves sobre a escuta dizendo que ouviam músicas e notícias, preferindo relatar outras coisas que consideravam mais importantes. Já o segundo é que Dona Tarsila e Dona Lúcia trabalhavam fora de casa. Dona Tarsila era enfermeira e verbaliza que ela não tinha tanto tempo livre para escutar pois trabalhava muito, o fazia entre suas folgas. Já Dona Lúcia era professora e trabalhava em uma escola um turno, o que diminuía a frequência de escuta para o momento em que estava em casa.

Elas utilizavam rádio para se informar e se divertir, a maioria delas comenta que escutavam músicas e as notícias. Dona Adelina gostava de escutar as músicas sertanejas e Dona Tarsila ouvia as notícias e às vezes músicas, “Jornal Nacional que dava na rádio, mas

era aquilo só. Eu se tinha tempo alguma música”. O rádio passou a acompanhar a rotina das mulheres, principalmente no momento em que elas estavam realizando o trabalho doméstico. Nas palavras de Dona Olga, “fazendo as coisas, não era que eu sentava lá pra escutar”. Dona Adelina também comenta que escutava enquanto realizava o seu serviço doméstico, tomando seu chimarrão ou executando alguma outra atividade. Grisa (2005, p. 256) afirma que esse “é o momento supremo de sua realização sincrônica: enquanto as mulheres trabalham, escutam rádio [...] se mostra também junto a momentos de ócio”.

A característica de mobilidade também é observada por elas, principalmente por conta do surgimento do rádio portátil a pilha. Podiam carregá-lo onde quisessem, principalmente dentro da própria casa. Dona Olga, por exemplo, relata que o marido normalmente escutava fora do ambiente da casa e ela, quando saía de manhã para fazer o serviço, escutava também. Dona Lúcia comenta sobre esse aspecto e diz que “ficava no momento onde a gente tava. Porque dava pra levar. Normalmente onde a gente tava aqui”. Tudo isso também remete a ideia citada anteriormente a respeito do lúdico, pedagógico e de parceria de Grisa (2005).

É nesse momento em que a televisão surge em algumas conversas, sendo citada por Dona Olga, Dona Lúcia, Dona Tarsila e Dona Adelina. Dona Lúcia faz um comparativo com a televisão para exemplificar o porque gostava de escutar rádio, “por isso que um pouco a gente nem liga a TV porque eu não tenho tempo de sentar aqui, olhar a TV não e o rádio eu ligo, ele fica falando às vezes quando eu presto atenção já passou mas pelo menos tô aqui né, tô ouvindo alguma coisa”. Ela também diz que a televisão “roubou” do rádio apenas o espaço do período da noite, ela e o marido costumam ligar para assistir o jornal, “a gente liga mais nos horário de jornal e nem sempre ainda porque ouve sempre a mesma coisa. Se tu ouve de manhã, as mesmas vai ouvir de meio-dia dia e tu vai ouvir de noite”. Elas ressaltam que o rádio era importante para saberem o que estava acontecendo no local onde viviam. Dona Olga comenta que “desde as notícias, essas coisas. A gente se comunicava um com o outro, “tu escutou isso?””. Dona Lúcia também evidencia esse aspecto quando comenta sobre sua preferência em escutar a rádio local. É a mesma ideia do sentido de comunhão de Grisa (2005) já citada anteriormente.

Na velhice as mulheres já não trabalham como antes, de maneira geral, dedicam-se a fazer serviços mais leves<sup>12</sup> com exceção de algumas mulheres rurais que ainda realizam o

<sup>12</sup> Dona Lúcia relata sua rotina: “daí depois, claro, o serviço da casa. Daí bota lavar roupa, estender roupa. Essas coisinhas mas nada assim, muito de... um trabalho pesado”. Já Dona Olga dedica-se ao voluntariado “Eu faço



serviço na propriedade em que vivem<sup>13</sup>. Ainda, todas elas gostam de passar o tempo em casa principalmente com o marido, filhos e netos (com exceção de Dona Tarsila que mora sozinha)<sup>14</sup>.

TABELA 4  
Principais características da escuta de rádio das mulheres rurais na velhice

| Mulheres rurais   | Dona Rosa                   | Dona Leci                   | Dona Salete                               | Dona Joana                  | Dona Regina |
|-------------------|-----------------------------|-----------------------------|-------------------------------------------|-----------------------------|-------------|
| <b>Para que</b>   | Entretenimento e informação | Entretenimento e informação | Informação                                | Entretenimento e informação | -           |
| <b>Frequência</b> | Diariamente ao longo do dia | Diariamente ao longo do dia | Raramente                                 | Semanalmente                | Nunca       |
| <b>Com quem</b>   | Marido e sozinha            | Sozinha                     | Marido                                    | Sozinha                     | -           |
| <b>Local</b>      | Ambiente doméstico          | Ambiente doméstico          | Ambiente doméstico e ambiente de trabalho | Ambiente doméstico          | -           |

FONTE – A AUTORA.

No que diz respeito à escuta das mulheres rurais nesta fase da vida, três das cinco entrevistadas dizem escutar rádio todos os dias e duas delas comentaram que não têm costume. Dona Regina disse que quase nunca liga o rádio pois precisa cuidar de um dos netinhos que ainda é bebê e acaba ligando a TV com alguns programas infantis pra ele assistir. Nas palavras dela “quase não dá nem pra escutar mais rádio por causa que, se eu tô aqui dentro, eu tenho que fazer comida e eu tenho que botar um bichinho pra ele olhar na televisão”. Já Dona Salete gosta do silêncio e fica incomodada com o barulho do rádio. Quando escuta é por conta do marido, “o rádio aqui em casa o meu marido liga lá no galpão. Lá no galpão tá funcionando o dia inteiro. Agora se depender do horário aqui em casa, eu não

---

parte de coisa da paróquia ali na comunidade. Eu faço parto pastoral da saúde, clube de mães. Participava também na pastoral da criança, mas eu desisti porque a gente não vence tudo. A pastoral do idoso, eu visito bastante as pessoas idosas vizinhança”.

<sup>13</sup>Principalmente Dona Salete, onde a rotina segue sendo de muito trabalho, a primeira coisa que faz quando levanta é o serviço, lava roupa, faz comida, limpa a casa e trata os bichinhos, ela tem boi, vaca e porquinho. Hoje em dia não tira mais leite, é uma atividade trabalhosa que é difícil de realizar agora que está com a idade mais avançada. “A gente planta, tem que cuidar, tem que carpir, tem que limpar. Planta mandioca, amendoim, abóbora... Planta de tudo ainda. Assim lida de interior, sabe?”

<sup>14</sup>Nas palavras de Dona Rosa, “o meu marido sai. Mas eu sou mais caseira. Pra mim sair é um sacrifício. Tu tem a tua rotina de vida. Tu sair de casa já tem que sair da rotina”. Dona Salete ressaltava a presença das filhas e netos em sua casa: “mais com a família mesmo. Fim de semana. Todo fim de semana tão aí. Todos os filhos e os netos”.

ligo. Ele liga e vai fazer as coisas dele, não é que ele fica lá pra escutar, só pra ter aquele barulho lá”.

Quanto às três que escutam, tem como principal objetivo a informação e em alguns casos entretenimento. Dona Rosa relata que “tem música, tem notícia, tem de tudo, né?. Vários programas e muita variedade de música cada locutor tem o seu”, já Dona Joana diz que de manhã liga o rádio para ficar por dentro das notícias e no final da tarde escuta os programas de música sertaneja, “não é assim todos os dias mas eu ligo pra saber as notícias de tudo. Não é religioso, não é assim”. Dona Leci comenta a importância da rádio como propagadora de notícias locais: “você tem uma nota de falecimento, tudo. Daí tu já escuta, já sabe que é de Tucunduva. De manhã tem o plantão policial, daí dá o plantão, daí tu sabe de tudo, né” e também cita que o programa que escuta todas as manhãs tem música boa. Assim como na vida adulta, a escuta se dá principalmente individualmente somado a companhia do marido em alguns momentos bem específicos.

É interessante observar que nesta fase da vida o rádio parece ser um contraponto em relação a outros meios de comunicação<sup>15</sup> principalmente a televisão e o celular. Por exemplo, Dona Rosa diz que acorda de manhã e a primeira coisa que faz é ligar o rádio. “é um costume que a gente adquiriu de criança e não perdeu né. A gente se acostumou ouvindo o rádio, não tinha outra coisa, né?”, reforçando que ele é o melhor meio de comunicação porque pode fazer outras coisas enquanto escuta, “porque o rádio tu pode estar trabalhando. Televisão tu tem que sentar e olhar. O rádio, tu ouve onde tu tá e tu fica imaginando a notícia como é que ela é. O jornal tu tem que ler. O telefone tu tem que olhar.”. Aqui revela-se novamente o sentido de parceria de Grisa (2005). Ainda, enfatiza que é o meio de comunicação em que ela mais confia:

ela não dá notícia falsa. Na rádio tu pode confiar. Porque tu pode ver, quando tem uma ocorrência policial ou tem um acidente, no telefone sai logo. Mas a rádio ela demora, tem que ter todos os dados, né? Ela não te dá notícia... notícia falsa como tem os fake nas coisas, né? Que às vezes metade do que vem no telefone, né, aquilo lá é verdade. Pensar será que é verdade? Será que é mentira? E a rádio, quando passa na rádio é sinal que a notícia é oficial.

Dona Leci também explica o seu consumo de rádio a partir da televisão, dando a entender que a TV é em momentos específicos do dia e o rádio o dia todo, “não sou muito da TV. A TV é assim ó... de manhã, de meio-dia e de noite. Fora de hora é difícil, mas o rádio é

<sup>15</sup> Tal movimento inicia-se na vida adulta com a chegada da televisão, porém parece se intensificar ainda mais na velhice.



o dia inteiro”. Do mesmo modo faz Dona Joana, que quando fala do seu consumo de rádio, logo comenta sobre o de televisão, “às vezes eu ligo de manhã pras notícia daí depois desligo de meio-dia a gente liga porque é costume, né. A RBS e a novela de noite. A novela eu gosto. Assisto todas, as das sete e das oito”.

Dona Rosa reflete sobre as diferenças de consumo dela, com 70 anos e de sua irmã com quase 90 anos. Ela, por exemplo, não costuma mais ler jornal, “hoje tem o telefone, tu tem tudo. Não precisa olhar mais nada, né. Jornal, revista essas coisas saiu da vista. Não leio”. Porém comenta que sua irmã ainda o faz, ressaltando que algumas mulheres “não conseguiram aprender a lidar com o telefone. Aí tem mulher que domina com 80, 80 e poucos anos mas tem mulher que não sabe lidar com o telefone”. Já Dona Salete, apesar de não escutar rádio, faz também uma reflexão importante sobre como atualmente a informação circula com mais liberdade e isso é um grande ganho para as mulheres. “Não sei se eu vou saber explicar. A experiência, as coisas. Às vezes as mulheres de antigamente não sabiam, as mulheres não sabiam nada”.

TABELA 5  
Principais características da escuta de rádio das mulheres urbanas na velhice

| Mulheres urbanas  | Dona Olga                   | Dona Antônia                | Dona Lúcia                  | Dona Tarsila         | Dona Adelina       |
|-------------------|-----------------------------|-----------------------------|-----------------------------|----------------------|--------------------|
| <b>Para que</b>   | Entretenimento e informação | Informação                  | Entretenimento e informação | Informação           | Informação         |
| <b>Frequência</b> | Diariamente ao longo do dia | Diariamente ao longo do dia | Diariamente ao longo do dia | Diariamente de manhã | Raramente          |
| <b>Com quem</b>   | Marido                      | Cuidadora                   | Marido e sozinha            | Sozinha              | Sozinha            |
| <b>Local</b>      | Ambiente doméstico          | Ambiente doméstico          | Ambiente doméstico          | Ambiente doméstico   | Ambiente doméstico |

FONTE – A AUTORA.

No que diz respeito às mulheres urbanas, a escuta também é para informação e em menor frequência para entretenimento. Na casa de Dona Olga, por exemplo, o rádio é muito presente e é o meio de comunicação que ela mais utiliza, escuta de tudo: notícias, músicas, reportagens e o programa da paróquia. Dona Lúcia fala sobre suas motivações: “pra passar tempo, divertimento né... pra ficar escutando, tipo uma companhia”. Dona Antônia também comenta que utiliza esse meio para se informar, “pra saber alguma notícia daqui tem que escutar”. Da mesma forma faz Dona Tarsila, “eu de manhã acompanho tudo o que acontece

porque lá ele tá, né. Até se chove e não chove na rádio dá também. E o que acontece de desastre nas estradas, quantas mortes”. Vale também ressaltar uma peculiaridade da escuta de dela<sup>16</sup>, onde utiliza o rádio como forma de fortalecer sua fé, “hoje tinha o programa da paróquia, tô por dentro, escuto o programa da paróquia primeiro e dá uma explicação sobre o evangelho, pois nele lê o evangelho e depois ela dá o programa da paróquia”.

A rádio local é a mais citada por elas, segundo Dona Lúcia, ela prefere porque tem uma ligação com as pessoas que fazem parte dos programas, “a gente conhece os radialistas, conhece mais ou menos as propagandas que eles fazem, os donos dos comércio, os produtos que eles estão anunciando”. Já Dona Adelina relata que gosta de escutar a rádio local para ficar a par das notícias do município. Como citado anteriormente, é o sentido de comunhão e de reconhecimento discutido por Grisa (2005) em sua forma mais evidente.

A frequência é o que mais divergiu entre as cinco entrevistadas, Dona Olga não escuta com tanta frequência, é mais por conta do marido, em suas próprias palavras “tá por aí, tu escuta. Se não tá, pra mim não me faz falta”. Na casa de Dona Antônia o rádio está sempre ligado, principalmente de manhã enquanto faz serviço. Dona Lúcia também costuma escutar no decorrer do dia. Já Dona Tarsila, divide o seu tempo entre a rádio, televisão e o seu trabalho no jardim, sendo de manhã o único momento em que liga o aparelho. Por fim, Dona Adelina sente que quando comprou uma televisão e a colocou na cozinha, seus hábitos de escuta de rádio mudaram muito, reduzindo a frequência. O faz principalmente quando está realizando algum afazer doméstico, como cozinhar ou varrer a casa.

Ao contrário das mulheres rurais, a única que coloca o rádio como contraponto a televisão é Dona Lúcia, que para afirmar seu apego a ele, cita as novelas. Segundo ela, não costuma mais assistir pois considera que “só tem bobagens”. Além disso, ela também observa que a forma como ela escuta mudou muito no decorrer dos anos, sente que hoje presta mais atenção no que estão falando, “uma vez tu escuta mas na próxima vez tu vai te antenar pra ver o que que aquilo tá dizendo, qual é a mensagem, o que tá te passando...Alguma coisa vai te informar, ou é de bem ou às vezes não é de bem ou uma coisa boa outra às vezes não tão boa”.

---

<sup>16</sup> Dona Tarsila é uma mulher religiosa, dedicou sua vida a servir o próximo e a Igreja Católica Apostólica Romana. Tal aspecto guia também as suas práticas radiofônicas.

### 3. Conclusão

Retomando os principais pontos, na infância/adolescência os seguintes aspectos se destacam: tinham uma rotina densa, quando não estavam na escola, precisavam ajudar no trabalho rural e no serviço doméstico; o rádio era o único meio de comunicação na qual tinham acesso; os aspectos físicos do meio, como tamanho e funcionamento à bateria, limitavam a escuta ao ambiente doméstico diminuindo o tempo de uso significativamente; a escuta era sempre em família, marcada principalmente pela figura do pai. Dessa forma, se constituía em um momento especial e único na rotina delas, “que se opunha à rotina, às atividades cotidianas” (Grisa, 2005, p. 252).

Já na vida adulta, mudanças significativas acontecem principalmente em relação ao poder aquisitivo que aumentou depois que constituíram suas próprias famílias e a rotina de trabalho, sendo elas as gestoras de seus lares. No que diz respeito à escuta, o rádio adquire a característica de mobilidade, permitindo que adentre em outros ambientes, não somente o doméstico, “é um meio de indiscutível interveniência temporal, que pode, inclusive, reformular conceitos como o do próprio trabalho” (Grisa, 2005, p. 259). Ele passa a se inserir na rotina das mulheres, acompanhando-as no decorrer do dia, principalmente enquanto realizam o serviço doméstico e em alguns casos no trabalho rural e momentos de lazer. Ainda, nesta fase a televisão passa a ser citada por elas como o outro meio de comunicação que tinham em casa.

Na velhice, não trabalhando mais exaustivamente, as mulheres preferem a tranquilidade do lar e aproveitar os momentos em família. O rádio ainda é muito presente na vida da maioria delas e assume um papel importante como meio de comunicação propagador de notícias locais, sendo um contraponto a televisão e outros meios de comunicação. As mulheres destacam que gostam de escutar a rádio local para se informarem de tudo que acontece no município em que vivem e também porque os programas são feitos por pessoas na qual elas compartilham suas histórias.

Pode-se notar que o rádio faz parte da trajetória de vida da maioria das mulheres idosas rurais e urbanas em todas as fases da vida (com exceção de Dona Regina que no tempo presente não escuta). Assim como observado por Vargas (1995) nas biografias radiofônicas, as práticas de escuta se transformam conforme elas vivenciam o cotidiano, atualizando o vínculo com esse meio de comunicação. Na infância/adolescência é a fase em que o rádio se articula como meio capaz de romper com a rotina exaustiva, expressando sua dimensão mais

sociável através da escuta conjunta. Na vida adulta acompanha a rotina das mulheres, participando de diversos momentos e se inserindo em diferentes ambientes. Já na velhice, segue acompanhando a rotina, porém, com a presença de outros meios de comunicação, adquire um papel essencial como propagador de informações locais.

## Referências

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL (Porto Alegre, RS). FEE. Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser. In: **COREDE Fronteira Noroeste**. Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://arquivofee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/coredes/detalhe/?corede=Fronteira+Noroeste>. Acesso em: 14 de abril, 2024.

GOVERNO FEDERAL (Rio de Janeiro). IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. In: **População no último censo**. Brasil, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 14 de abril, 2024.

GRISA, Jairo Angelo. **Histórias de Ouvinte: A audiência popular no rádio**. Universidade do Vale do Itajaí: Editora da Universidade do Vale do Itajaí, 2003.

OROZCO, Guillermo e GONZÁLEZ, Rodrigo. **Una coartada metodológica: abordajes cualitativos en la investigación en comunicación, medios y audiencias**. México: Tintable, 2011.

VARGAS, Héctor Gómez. Propuestas para pensar procesos históricos de recepción radiofónica. Biografías, memoria y trayectorias familiares. In: LOZANO, José Carlos (editor). **Anuario de Investigación de la Comunicación CONEICC II**. México: Conexión Gráfica S.A. de C.V., 1995.